

Phil Collins

AINDA ESTOU VIVO

UMA AUTOBIOGRAFIA

Tradução

Phellipe Marcel

1ª edição

BS
BestSeller

Rio de Janeiro | 2018

Prefácio

Maiores sucessos, piores desgostos.

Não ouço nada.

Por mais que eu tente me balançar para me livrar do entupimento, meu ouvido direito é implacável. Faço uma pequena inspeção com um cotonete. Sei que isso não é recomendável — o tímpano é sensível, especialmente se você passou a vida inteira afetado pelas baterias.

Mas estou desesperado. Meu ouvido direito está *kaput*, destruído. E esse é o meu ouvido *bom*; o esquerdo está ferrado há uma década. É o fim? A música finalmente acabou comigo? Estou surdo, enfim?

Imagine a cena (e é melhor que os leitores com predisposição ao nervosismo desviem os olhos agora): estou no chuveiro. Estamos em março de 2016, na minha casa, em Miami. Esta é a manhã de um show muito especial — minha volta aos palcos depois de anos, e, mais importante ainda, minha primeira apresentação realmente pública com um de meus filhos, Nicholas, de 14 anos.

Ele vai estar na bateria, e eu, no microfone. Esse é o plano, pelo menos.

Voltando um pouquinho: 2014 testemunhou o lançamento da Little Dreams USA, o braço americano da organização filantrópica que minha ex-mulher Orianne e eu fundamos na Suíça em 2000.

A Little Dreams proporciona apoio a crianças oferecendo bolsas de estudos, treinamento e orientação em música, artes e esportes.

Para arregaçar as mangas nos Estados Unidos, e arrecadar algum dinheiro, planejamos por um bom tempo um concerto de gala para dezembro de 2014. Só que, nesse ínterim, enfrentei inúmeros problemas de saúde. No dia do show, eu não tinha condições de cantar.

Precisei ligar para Orianne, mãe de Nic e de seu irmão Matthew — que tinha acabado de completar 10 anos —, e avisar que eu estava sem voz e não poderia me apresentar. Não contei que minha confiança também havia me abandonado: há um limite na quantidade de notícias ruins que você pode relatar em um telefonema para a sua ex. Especialmente, talvez, quando ela é a sua terceira ex-mulher.

Dezesseis meses depois, eu tinha que compensar. E 2016 não me parecia só um novo ano, mas sim um novo eu — estou pronto para esse show! Só não estou pronto para me apresentar em um show inteiro propriamente dito, então, nós precisamos de um elenco de artistas de apoio.

Se bem que, mesmo com essa ajuda musical, compreendo que esse show vai se reduzir principalmente a... mim. Esse é um cenário familiar, de quarenta anos de turnês, consecutivas, trinta anos de álbuns solo e do Genesis, um atrás do outro: estou sendo escalado para um roteiro que não produzi completamente. Mas não posso cair de novo. Não se quiser estar vivo no meu aniversário de 66 anos.

Alguns músicos, parceiros de muito tempo, me encontram para ensaios em Miami, assim como Nic. Ele sabe que vamos tocar “In the Air Tonight”, mas, à medida que fica evidente que ele se tornou um ótimo baterista, incluo mais algumas canções na lista: “Take Me Home”, “Easy Lover” e “Against All Odds”.

Os ensaios estão indo bem; Nic fez a lição de casa. Mais do que isso: ele é melhor do que eu era na sua idade. Como acontece com todos os meus filhos, estou explodindo de orgulho paterno.

Caso eu não esteja convencido, dessa vez minha voz parece e soa forte. Em certo momento, o guitarrista Daryl Stuermer, um camarada de muitos anos, pergunta:

— Posso colocar alguns vocais nas caixas de som de retorno?

Bom sinal: ninguém quer o cantor nas caixas de som de retorno se ele está fazendo um trabalho de merda.

Na manhã seguinte, dia do concerto de gala, estou no chuveiro. E é aí que minha audição some. E se não consigo ouvir, claro que não consigo cantar.

Ligo para a secretária de um dos meus médicos em Miami — a esta altura do campeonato já tenho o número na discagem rápida. Uma hora depois, estou passando por uma cirurgia, com um especialista em audição usando seu aparelho de sucção, que mais parece um equipamento de mineração, em meus dois ouvidos. Ainda não estou surdo. *Not deaf yet.*

No palco, naquela noite, no Jackie Gleason Theater, tocamos “Another Day in Paradise”, “Against All Odds”, “In the Air Tonight”, “Easy Lover” e “Take Me Home”. Nic, que entra no palco depois do número de abertura sob os gritos da plateia, dá conta de tudo isso. Brilhantemente.

É um enorme sucesso. Muito melhor — e muito mais divertido — do que eu achei que fosse ser.

Depois do show, me vejo sozinho no camarim. Fico sentado lá, curtindo o clima, me lembrando dos aplausos. “Que saudade disso.” E, “Sim, Nic é muito bom. Muito, muito bom.”

Eu não esperava viver novamente a sensação de um show bem-feito. Quando me aposentei das turnês solo em 2005, do Genesis em 2007 e das gravações de álbuns em 2010, estava convicto de que tinha chegado ao fim. Na época, já estava nessa roda-viva — de tocar, compor, me apresentar e entreter — havia meio século. A música me deu muito mais do que eu poderia ter imaginado um dia, mas também me tirou mais do que eu podia temer. Eu estava acabado.

No entanto, aqui em Miami, em março de 2016, eu a vejo fazendo o contrário do que fez por anos. Em vez de me separar dos meus filhos — de Simon, Nic e Matt e de suas irmãs, Joely e Lily —, a música está me conectando com eles.

Se existe algo que me faz baixar a guarda, é tocar com as crianças. Uma proposta de 1 bilhão de dólares por um dia de trabalho não

me colocaria de volta no mercado para me reunir com o Genesis. Uma chance de tocar com o meu garoto, sim.

Agora, antes de prosseguirmos, precisamos olhar para trás. Como foi que eu cheguei aqui, e *por que* cheguei aqui?

Este livro é a minha verdade sobre tudo. As coisas que aconteceram, as coisas que não aconteceram. Não há um placar fechado, mas alguns erros que serão corrigidos.

Quando voltei para lá, olhando para o passado, com certeza, deparei com surpresas. Por um lado, como trabalhei! Se você consegue se lembrar dos anos 1970, certamente não estive em tantas turnês do Genesis quanto eu, Tony Banks, Peter Gabriel, Steve Hackett e Mike Rutherford. E se você se lembra dos anos 1980, peço desculpas por mim e pelo Live Aid.

Estamos em 2016 e já perdemos tantos colegas... Então, tive motivos para refletir sobre minha morte, minha fragilidade. Mas, também, por cortesia dos meus filhos, fui obrigado a pensar no meu futuro.

Ainda não estou surdo. Ainda não morri. *Not deaf yet. Not dead yet.*

Dito isso, não há novas sensações. Fui tocado pela morte quando meu pai faleceu, justamente no momento em que a decisão de seu filho hippie de trocar uma vida segura por uma vida na música começou a render frutos. Também fui atacado quando, no curto período de dois anos, Keith Moon e John Bonham morreram, ambos aos 32 anos. Eu os venerava. Lembro de ter pensado, na época: "Esses caras deviam durar para sempre. São indestrutíveis. São bateristas."

Meu nome é Phil Collins, sou baterista e sei que não sou indestrutível. Esta é a minha história.

Sem me afogar, sigo a maré

*Ou: minhas origens, minha infância e como
meu relacionamento com meu pai era meio aguado.*

Nós achamos que nossos pais sabem tudo. Mas a verdade é que eles vão inventando as coisas, deixando o barco correr. Todo dia improvisando, saindo pela tangente, fazendo cara — às vezes falsamente — de mau. Desconfiei disso a infância inteira, mas só tive a confirmação quando me tornei adulto, e só com alguma ajuda do Outro Lado.

Em uma noite cinzenta de outono de 1977, eu consulto uma médium. Ela mora em Victoria, no centro de Londres, nas imediações dos fundos insalubres do Palácio de Buckingham, em um apartamento que fica quase no alto de uma torre. Não é nenhuma caravana de ciganos, mas acho que isso significa mesmo que ela está mais perto do céu.

Não tenho nenhuma afinidade especial com espíritos — isso virá muito, muito depois, e será mais um vício que uma afinidade —, mas minha mulher, Andy, é meio inclinada a essas coisas. Minha mãe também é chegada a um tabuleiro *ouija*. À noitinha, na casa da nossa família, que ficava na periferia suburbana da zona oeste de Londres, minha mãe, minha avó e minha tia, junto com meus tios por consideração, Reg e Len, se divertiram muitas vezes, no fim dos

anos 1950, começo dos anos 1960, invocando espíritos queridos. Melhor isso que os escassos programas em preto e branco que piscavam em nossa TV modernosa.

O motivo da nossa visita — minha e de Andy — à tal Madame Arcati das alturas: um cachorro bagunceiro. Ben, o lindo boxer que temos em casa, costuma arrastar de debaixo da nossa cama uma pilha de cobertores elétricos. Temos esse tipo de roupa de cama por causa dos nossos filhos — Joely está com 5 anos e Simon, 1 ano —, para quando pararem de molhar a cama e precisarem de um calorzinho a mais. Eu nunca tinha me dado conta de que cobertores elétricos dobrados talvez propiciem mais do que uma cama quentinha — fios dobrados podem quebrar e pegar fogo. Talvez Ben saiba disso.

Andy chega à conclusão de que há um componente sobrenatural no ritual noturno de Ben. Ele, provavelmente, não é clarividente, mas, com certeza, existem coisas que nós, humanos, desconhecemos.

Nessa época, estou absurdamente ocupado, em turnê com o Genesis — acabamos de lançar o álbum *Wind & Wuthering*, e Peter Gabriel me delegou alguns vocais. Com isso tudo, vivo ausente como marido e como pai, logo, estou sempre por fora dos assuntos domésticos e familiares. Nem posso me opor às estratégias de Andy.

Então, vamos ver a médium. Chegamos ao agitado bairro de Victoria, entramos no elevador do prédio, tocamos a campainha e batemos um papo com o marido, que está assistindo a *Coronation Street*. Nada pode ser menos espiritualizado que isso. Enfim, ele se afasta da TV e faz um sinal para mim:

— Ela vai te receber agora.

É uma dona de casa de aparência comum, apertada atrás de uma mesinha. Nenhum sinal de dons extraterrenos. Na verdade, ela aparenta ser uma pessoa completamente normal, supercomum. Isso me decepciona e me quebra, e agora meu ceticismo desponta com um sopro de confusão e certa indisposição. Antipatia.

Como as leituras sobre I Ching de Andy informaram a ela que são os espíritos do meu lado da família que implicam com cachorros, tomo a iniciativa de começar a conversa na câmara do sobrenatural. Rangendo os dentes, relato à médium as artimanhas noturnas

de Ben. Ela assente, meio solene, fecha os olhos, aguarda um tempo considerável desse modo e, então, finalmente replica:

— É o seu pai.

— Hein?

— Sim, é o seu pai, e ele quer que você separe umas coisinhas: o relógio dele, a carteira dele e o taco de críquete da sua família. Você quer que eu sintonize o espírito dele para falar através de mim? Assim você poderia ouvir a voz do seu pai. Mas às vezes os espíritos não querem ir embora, e aí a coisa fica constrangedora.

Engasguei um “não”. A comunicação com meu pai não era das melhores quando ele estava vivo. Falar com ele nessa ocasião, quase cinco anos depois de sua morte, no Natal de 1972, por intermédio de uma dona de casa de meia-idade, em um apartamento desconcertantemente cinzento localizado em um prédio no coração de Londres... seria meio esquisito.

— Bem, ele está dizendo para você entregar umas flores para sua mãe e pedir desculpas a ela.

Claro. Um cara de 26 anos relativamente racional, que gosta de ter os pés no chão, regradamente — afinal, sou baterista... Eu deveria ter interpretado isso como algum tipo de charlatanismo esotérico. Mas acabo concordando: o fato de o nosso cachorro sempre arrastar os cobertores elétricos de debaixo da nossa cama reflete um comportamento possivelmente estranho ao plano mortal. Além disso, Madame Arcati disse algumas coisas sobre meu pai que não poderia saber, muito menos o lance sobre o bastão de críquete. Ele fazia parte do escasso equipamento esportivo do clã Collins há mais tempo do que eu consigo lembrar. Fora da família, ninguém saberia disso. Não digo que estou convencido, mas estou intrigado. Andy e eu saímos da antessala do outro lado e regressamos ao mundo real. De volta à *terra firme*, conto as novidades a ela, que responde com um olhar de quem conhece os dois lados do véu:

— Eu te avisei.

No dia seguinte, ligo para minha mãe e narro os acontecimentos da noite com a vidente. Ela fica animadamente espirituosa, mas nem um pouco surpresa — nem com a mensagem, nem com a médium.

— Aposto que ele quer me dar flores — diz ela, meio rindo, meio ironizando.

E é aí que ela me conta tudo. Meu pai, Greville Philip Austin Collins, não foi um marido fiel para minha mãe, June Winifred Collins (sobrenome de solteira: Strange). Ele começou a trabalhar aos 19 anos e sempre foi funcionário, assim como o pai dele, da London Assurance Company, na cidade de Londres. “Grev” usava sua existência cotidiana — um suburbano de chapéu-coco que trabalhava de 9 às 17h no esquema casa-trabalho, trabalho-casa — para manter uma vida secreta com uma namoradina do escritório.

Meu pai não tinha nenhuma pinta óbvia de ganhão ou mulherengo. Ele era meio rechonchudo, e o bigodão típico da Royal Air Force — grosso, escovadinho, em cima do lábio inteiro — era a cereja do bolo para sua cabeça semicalva. Evidentemente, herdei toda a minha aparência da minha mãe.

Mas parece que, por trás do ar de corretor de seguros apagado, se escondia um sedutor à la Lotario, do *Dom Quixote*. Minha mãe me conta de um incidente em particular. Alma Cole era uma moça muito amável que trabalhava na loja de brinquedos que minha mãe gerenciava para uma amiga da família. Alma era do norte da Inglaterra, e tudo que ela dizia vinha com um certo ar de teoria da conspiração.

Elas eram próximas, e um dia, meio mal-humorada, Alma comentou, fungando:

— Eu vi você e o Grev no sábado dentro do carro e você nem me cumprimentou.

— Eu não saí de carro com ele no sábado! — A passageira, sem dúvida, era uma “amiga” do meu pai, dando uma voltinha romântica no nosso velho Austin A35.

Quase cinco anos depois de meu pai ter falecido, enquanto eu me maravilho com esse tipo de confiança da minha mãe, fico, ao mesmo tempo, puto e triste com as revelações que escuto. Agora eu sei que o casamento de meus pais não terminou paulatinamente, em parte pelo fato de o meu pai ter, digamos, arranjado uma distração fora de casa... A infidelidade dele é uma grande novidade para mim.

Mas por que não teria sido? Eu era um garotinho na época e, para mim, meus pais pareciam delirantemente felizes. A vida em casa parecia normal e bem calma. Direta, simples. Na minha cabeça, os dois sempre foram felizes e apaixonados ao longo da vida de casados.

Mas eu sou o temporão, o bebezinho da família, quase sete anos mais novo que minha irmã Carole, e nove anos mais jovem que meu irmão Clive. É bem verdade que os aspectos adultos de uma vida familiar nem passavam pela minha cabeça. Agora, quando reflito sobre fatos diante de mim nesta noite de 1977, acho que consigo deduzir uma corrente subterrânea de instabilidade na casa, algo de que eu era completamente inconsciente na época. Pensando bem, talvez eu tenha sentido essas perturbações na minha água: mijei na cama até uma idade embaraçosamente elevada.

Quando conto, mais tarde, essas novidades aterrorizantes para Clive, ele é bem direto. As longas caminhadas repentinas para as quais os meus irmãos me levavam? Os passeios preguiçosos e enovoados até as casinhas pré-fabricadas construídas depois da Segunda Guerra Mundial, na reserva Hounslow Heath, com meu irmão e minha irmã? Não era a rotina alegre e despreocupada de uma infância inglesa suburbana simples do final dos anos 1950, começo dos anos 1960. Na verdade, eu estava sendo, involuntariamente, cúmplice da dissimulação.

Ainda tenho muita dificuldade para aceitar o desrespeito do meu pai com seus votos de casamento. Não consigo aceitar. A desconsideração dele pelos sentimentos da minha mãe está além do que eu consigo tolerar. E, antes que alguém decida dizer algo como “Me admira você, Phil”, que fique registrado: eu te entendo.

Estou decepcionado por ter casado três vezes. E ainda mais decepcionado por ter me divorciado três vezes. Fico consideravelmente menos chateado pelo fato de essas separações terem resultado em acordos com minhas ex-mulheres da ordem de 42 milhões de libras. Também não reclamo do fato de essas quantias terem sido amplamente noticiadas e conhecidas. Hoje, com a idade que tenho, nada mais é confidencial. A internet se encarregou disso. Além do mais, se três divórcios podem sugerir uma atitude desleixada para

com a *ideia* do matrimônio, isso não poderia estar mais errado. Eu sou um romântico que acredita e tem esperanças de que o laço do casamento dure e seja apreciado.

Ainda assim, é claro que essa tríade de divórcios demonstra meu fracasso em coexistir feliz e em entender minhas parceiras. Indica meu fracasso em formar, e em manter, uma família. Sugere o meu fracasso, ponto final. Ao longo das décadas, tentei da melhor maneira possível fazer todos os aspectos da minha vida — pessoal e profissional — funcionarem como um relógio; mas tenho que reconhecer que, muitas vezes, “o melhor” não era o suficiente.

De todo modo, eu sei o que “normal” significa — está no meu DNA; cresci com isso, ou pelo menos com algo que se parecia com isso, nos subúrbios de Londres —, e foi para ter isso que me esforcei tanto enquanto tentava ganhar a vida com a música.

Tenho me esforçado para ser sincero com todos os meus filhos sobre a minha vida pessoal. Porque ela os envolve. Ela os afeta. Eles vivem com as consequências das minhas ações, inações e reações todos os dias de suas vidas. Tento ser o mais forte e franco possível. Vou fazer o mesmo ao longo desta narrativa, mesmo nas passagens em que eu não faça o papel do mocinho. Como sou baterista, me acostumei a bater. E também me acostumei a apanhar.

Retornando para minha mãe: seu estoicismo, força e bom humor diante dos “perdidos” do meu pai (para usar a palavra correta) diz muito sobre essa geração que viveu a guerra e que enfrentava poucas e boas para manter seus compromissos conjugais. Todos nós poderíamos aprender com isso, inclusive eu, sem dúvida.

Diante disso tudo, quando penso sobre minha infância daqui, da posição privilegiada da minha idade avançada, vejo que um desconforto e uma confusão emocional muito grandes talvez tenham penetrado minha juventude, mesmo sem que eu soubesse disso.

*

Nasci no Putney Maternity Hospital, na região sudoeste de Londres, em 20 de janeiro de 1951, o terceiro filho temporão — e, de qualquer maneira, não esperado — de June e Grev Collins. Ao que tudo

indica, minha mãe inicialmente deu entrada no West Middlesex Hospital para me dar à luz, mas os atendentes não foram muito gentis com ela, então, ela cruzou as pernas, virou as costas e se encaminhou para o Putney.

Fui o primeiro filho londrino, já que tanto Carole quanto Clive tinham nascido em Weston-super-Mare depois que a família inteira foi transferida para lá pela London Assurance antes da Blitzkrieg. Carole não ficou muito feliz com minha chegada. Ela queria uma menina. Clive, por sua vez, ficou nas nuvens — finalmente um irmãozinho com quem jogar futebol, lutar e, quando se cansasse disso tudo, alfinetar e torturar com suas meias fedorentas.

Quando cheguei, minha mãe tinha 37 e meu pai, 45, o que os caracterizava, para a época, como pais velhos. Isso não incomodou minha mãe nem um pouco. Ela continuou sendo uma mulher generosa e amável a vida inteira, sem falar mal de ninguém até o dia de sua morte, no seu aniversário de 98 anos, em 2011. Sejamos sinceros: certa vez ela chamou um policial de Londres de “babaca” por tê-la criticado enquanto ela dirigia em uma pista exclusiva para ônibus.

Meu pai, nascido em 1907, vinha da então charmosa Isleworth, um bairro à beira de um rio no lado mais a oeste de Londres. A casa da família dele era grande, escura, com cheiro de mofo, bem imponente, mas nem um tantinho assustadora. Tampouco seus parentes. Não tenho lembranças do meu avô paterno, funcionário da London Assurance a vida inteira, assim como seu filho seria. Mas tenho memórias vívidas de minha avó. Ela era afetuosa, receptiva e muito paciente comigo, mas parecia ter sido congelada no período vitoriano, e como se tivesse que provar isso, andava permanentemente coberta por longos vestidos pretos. Talvez ainda estivesse de luto pelo príncipe Albert.

Nós dois éramos muito próximos. Eu passava muito tempo em seus sempre úmidos cômodos, sob as escadas, vendo-a pintar aquarelas de barcos e do rio, uma paixão que herdei.

A irmã do meu pai, tia Joey, era uma mulher formidável, armada com uma piteira e uma voz rouca e gutural, meio que como a vilã da animação *Bernardo e Bianca*, da Disney: “Querido, eeeeenntreee...” Seu marido, tio Johnny, também era uma figura. Ele tinha

um monóculo e sempre vestia ternos de tweed, outro Collins da terra que o século XX esqueceu.

A história da família conta que uns dois primos do meu pai tinham sido encarcerados pelos japoneses na famosa prisão Changi, em Cingapura. Todos tinham muito orgulho deles — eram heróis de guerra, homens que sobreviveram à impiedosa campanha no Extremo Oriente. Eu tinha outro primo que, aparentemente, foi o primeiro cara a instalar lavanderias na Inglaterra. Aos olhos da família do meu pai, todos eram, cada um a seu modo, “alguém na vida”. Dizia-se que H. G. Wells vivia ligando para a residência dos Collins.

É evidente que a família do meu pai influenciou seus modos, sem contar sua vida profissional — apesar de, depois de sua morte, eu ter descoberto que ele havia tentado escapar do recrutamento para a London Assurance indo para a Marinha Mercante. No entanto, sua rebelião pelos oceanos não durou muito: mandaram que ele desistisse disso, se recompusesse e voltasse para o batente como corretor de seguros, subjugado pelo próprio pai. Ser certinho era a ordem do dia. Com isso em mente, dá para imaginar que meu pai tinha um pouco de inveja da liberdade que os anos 1960 dispuseram a Clide, a Carole e a mim mesmo, em nossos campos de escolha profissional: cartunismo, patinação no gelo e música. Você chama essas coisas de emprego? Meu pai não chamava.

Não se pode dizer que Grev Collins um dia tenha se acostumado com o século XX. Quando o gás do mar do Norte foi canalizado e todos os aquecedores do Reino Unido foram convertidos, meu pai tentou subornar o Conselho de Gás para nos deixar de fora das conversões, convencido de que havia, em algum lugar, um gasômetro que poderia prover de combustível apenas a família Collins.

Por alguma razão, meu pai adorava lavar louça, e insistia em fazê-lo aos domingos, depois do almoço em família. Ele preferia fazer isso sozinho, já que era uma chance de evitar socializar à mesa. Tudo ia bem, até que ouvíamos uma explosão na cozinha. Todos paravam de conversar, e minha mãe ia até as portas da varanda fechar as cortinas. Depois de alguns momentos de barulheira, podíamos ouvir meu pai xingando alto, e então ouvíamos o ruído da

louça batendo contra alguma panela. A porta de trás era bruta-mente escancarada, a louça era jogada ruidosamente no jardim e meu pai saía chutando e xingando ainda mais.

— Seu pai está matando os pratos — explicava minha mãe, cansada, enquanto nós, crianças silenciosas, encontrávamos algo profundamente interessante para olhar na toalha de mesa. Um almoço tradicionalmente britânico em família.

Meu pai não era incompetente em consertos domésticos, mas não tinha o menor interesse neles. Para ele, se as coisas estavam funcionando, então tudo estava ótimo. Principalmente quando se tratava de instalações elétricas. No final dos anos 1950, as tomadas eram de baquelite marrom, e os fios tinham uma cobertura de tecido entrelaçado. Não dava para confiar muito neles, e no quarto dos fundos, onde guardávamos o rádio, a tomada principal, no rodapé, normalmente fornecia energia para outras cinco ou seis tomadas. Os eletricitistas chamam isso de “árvore de Natal”. A nossa, em geral, soltava faíscas, e não é um som que você quer ouvir nas instalações elétricas. Clive, o mais velho entre nós, era sempre o escolhido para enfiar mais uma tomada no soquete já sobrecarregado. Carole e eu ficávamos observando com um fascínio malicioso quando ele levava um choquezinho que lhe corria pelo braço como se estivesse fazendo cócegas.

— Isso significa que a tomada tem energia. Não tem problema aí — comentava meu pai, antes de se sentar com seu cachimbo para ouvir rádio ou assistir TV, ignorando o pobre Clive e seu braço torrado.

Antes de eu nascer, minha família não tinha carro, já que papai só viria a ser aprovado no exame de direção em 1952, um ano depois de eu chegar ao mundo. Era sua sétima tentativa. Se o carro não se “comportava” bem, meu pai o xingava, acreditando que o mau funcionamento do motor era parte de um complô contra ele. A clássica cena da série *Fawlty Towers*, de 1975, em que Basil Fawlty — interpretado por John Cleese — surra seu Austin 1100 Countryman furiosamente por considerá-lo desleal, dá uma boa noção do que era nossa vida familiar.

Foi mais ou menos nessa época que, a bordo do seu primeiro carro, meu pai decidiu me levar e a Carole para uma voltinha pelo

Richmond Park. Ele achou que era uma boa oportunidade de levar a cabo uma série de observações de segurança aleatórias em seu novo veículo. Eu estava esperando no banco de trás do carro, tudo parecia bem normal. De repente, sem avisar, meu pai testou os freios. Meu corpo voou, velozmente, para fora do banco. Por sorte, o painel do carro e meu rosto amorteceram a queda. Ainda tenho as cicatrizes dos dois lados da boca.

Meu pai era tão atrelado ao passado que, quando nosso sistema monetário adotou o padrão decimal, em 1971 — antes a libra era composta, por exemplo, por 240 pence —, ele declarou que não conseguiria sobreviver. A nova cunhagem de moedas do país era uma ameaça. Pensando a longo prazo, não tenho motivos para duvidar de que o descarte dos xelins colaborou para matá-lo de preocupação.

Minha mãe foi outra pessoa a dedicar a vida inteira a Londres. Ela cresceu na North End Rad, no bairro de Fulham: uma entre três irmãs costureiras. Seu irmão Charles foi piloto do avião Spitfire, abatido no ar e morto na guerra. Uma de suas irmãs, Gladys, morava na Austrália, e nós sempre trocávamos fitas cassete no Natal. Ela também morreu antes de eu ter oportunidade de conhecê-la pessoalmente. A outra irmã da minha mãe, tia Florrie, era muito amável, e quando eu era criança, a visitava uma vez por semana em seu apartamento na Dolphin Square, no distrito de Pimlico. Minha avó materna, “vovó”, como eu a chamava, era um amor, outra influência feminina forte e marcante em minha juventude.

No final dos anos 1930, pouco antes de chegar aos 20 anos, minha mãe dançou com Randolph Sutton, o cantor *superstar* da famosa balada “On Mother Kelly’s Doorstep”, antes de arranjar um emprego em uma loja de vinhos. A família do meu pai sempre fazia questão de deixar claro que ele havia se casado com alguém de posição inferior quando se juntou com uma vendedora. Mas quando os dois se conheceram, em um passeio de barco pelo rio Tâmsa à igreja St. Margarets, foi amor à primeira vista. Eles se casaram seis meses depois, em 19 de agosto de 1934. Minha mãe tinha 20; meu pai, 28 anos.

Quando eu apareci, 16 anos depois, a família Collins morava em Whitton, no bairro de Richmond upon Thames. Depois, fomos

para uma casa eduardiana no número 34 da St. Leonards Road, em East Sheen, outro subúrbio no sudoeste de Londres.

Como minha mãe trabalhava em período integral na loja de brinquedos, vovó cuidava de mim enquanto Clive e Carole estavam na escola. Vovó me adorava, e nós dois tínhamos uma ligação maravilhosa. Em nossas perambulações com meu carrinho de bebê, ela me empurrava ao longo da Upper Richmond Road, onde sempre me comprava um pãozinho doce na padaria. O fato de eu ter lembranças muito vivas desse prazer diário diz muito sobre a minha proximidade com vovó.

Meu pai não era muito chegado em progresso ou em agito, pelo menos não superficialmente, tanto que, quando minha mãe perguntou se podíamos nos mudar da St. Leonards Road para uma casa maior, melhorzinha e um pouco menos úmida, ele respondeu:

— Pode se mudar se quiser. Mas você vai ter que achar uma casa que custe o mesmo que nós vamos ganhar com a venda desta. Eu vou sair para trabalhar amanhã e quero estar na nova casa quando voltar do trabalho, com toda a mudança feita. — E foi assim que minha mãe, que Deus a abençoe, recebeu o aval, e deu conta de fazer tudo isso.

E foi assim que, aos 4 anos, passei a morar no número 453 da Hanworth Road, em Hounslow — a casa que minha jeitosa mãe encontrou e para a qual nos mudamos em apenas um dia.

A casa em que você mora quando é pequeno sempre parece enorme. Visitá-la anos depois pode ser um choque. Como é que todos nós cabíamos ali? Minha mãe e meu pai ficavam no quarto maior, claro, e o quartinho de Carole ficava ao lado. Clive e eu dormíamos nos fundos da casa, em um beliche. Nosso quarto era tão apertado que tínhamos de sair dele para pensar. Quando me tornei adolescente, mal tinha espaço para esconder debaixo da minha cama uma coleção de revistas eróticas que, sei lá como, vim a possuir. Dividimos aquele espaço ao longo da minha infância até 1964, quando, aos 22 anos, Clive saiu de casa.

Nascer no começo dos anos 1950 significava crescer em uma Londres que ainda se recuperava dos ataques de Hitler. Se bem que não tenho lembrança de lugares bombardeados ou de qualquer tipo de devastação em nosso bairro.

A única vez que me lembro de ter visto algo parecido com o resultado de um bombardeio foi quando a família se aventurou até a cidade para assistir às apresentações no escritório do meu pai. A London Assurance organizava peças com seu clube de teatro, e a família, obedientemente, fazia a longa viagem de Hounslow, passando pelo Cripplegate, até o distrito industrial de Londres. Minhas recordações dessas viagens estão sedimentadas com as imagens de uma terra devastada ao redor da velha London Wall, a muralha construída na Antiguidade que cercava a cidade. Era meio parecido com as cenas do filme *Grito de indignação*, de 1947, produzido pelos estúdios Ealing, complementado por crianças de rua brincando em meio a escombros.

Na verdade, a Londres da minha infância era bem parecida com a que se pode ver nos filmes da Ealing, ou nos do meu herói da comédia, Tony Hancock, habitante de um endereço ficcional no subúrbio de Londres, o número 23 dos Railway Cuttings, a leste do vilarejo de Cheam. Nenhum trânsito, mesmo na área central de Londres, e, certamente, nenhum engarrafamento ou problema para estacionar — tenho um vídeo caseiro feito por Reg e Len na Great West Road, e é possível contar quantos carros passam. Multidões de cavalheiros de chapéu-coco caminhando na Waterloo Bridge, repleta de torcidas de futebol, os torcedores sacudindo suas boinas para um homem. As férias no litoral — no caso de nossa família, em Bognor Regis ou Selsey Bill, em West Sussex —, com os homens entrando nas ondas do mar depois de abrir um pouco as camisas e afrouxar as gravatas. Em casa, o ritual familiar das 16h45 de se sentar ao redor da TV, tomar chá e comer torradas com as mãos molhadas, ouvindo o placar do jogo de futebol. Vislumbrando o mundo lá fora pelo filme da Disney, *Davy Crockett, o rei das fronteiras*, de 1955, um momento revelador que inaugurou um interesse pelo Álamo que duraria a vida inteira.

É quase um idílio, que tem muito a ver com aquele tempo e aquele lugar. Meu tempo, meu lugar, meu pedacinho.

Hounslow fica nos arredores de Middlesex, onde a capital se encontra com os condados da periferia. Na extremidade mais a oeste, na última parada da linha de metrô Piccadily. No meio do nada,

próximo de nenhum centro. Uma jornada de 45 minutos de trem até o West End. É Londres, mas não é. Nem isso nem aquilo.

Como eu me sinto tendo crescido no final dessa linha? Bem, para ir a qualquer lugar é necessário fazer uma caminhada, depois um ônibus e, depois, mais um tanto de caminhada, e depois um trem. Tudo é um sacrifício. Então, você é obrigado a ter senso de humor. Infelizmente, o humor que funciona com algumas crianças não funciona comigo.

Na Nelson Infants School, Kenny Broder teima em implicar comigo. Ele é aluno da St. Edmund's Primary, que, desnecessariamente, fica do outro lado da rua. Assim como eu, ele tem 10 anos, mas ostenta uma cara de boxeador, com maçãs do rosto altas e um nariz que já levou umas porradas. Morro de medo de ver Broder surgir dos portões de sua escola ao mesmo tempo que eu saio da minha. Ele me encara ao longo de todo o caminho para casa, ameaçando me bater em silêncio. Parece que sempre me pegam para Cristo — e, aos meus olhos, sempre sem motivo. Tenho algum adesivo na testa, uma placa “me chute” grudada no short?

Até o meu primeiro contato com o sexo oposto é transgredido pelo prisma da violência infantil de colégio. Estou indo com Linda, minha primeira namorada, para um parque de diversões na reserva de Hounslow Heath, os bolsos estufados com as moedinhas esforçadamente economizadas que nos comprarão as entradas para a Torre do Amor e/ou para os carrinhos bate-bate, o que tiver a menor fila. Mal chegamos e sinto um calafrio no pescoço. “Ai, meu Deus”, penso. “Ali está Broder e sua gangue.”

Concluo que ficarei mais seguro a alguma altura do chão, então subo no carrossel com Linda. Mas, à medida que os cavalinhos giram, a cada passagem minha, a gangue me olha mais feio, e cada vez parece que há mais garotos com eles. Tão certo quanto dois e dois, tenho certeza de que vou entrar em uma briga. Dito e feio: assim que descemos do carrossel, Broder começa a me provocar e me dá uma pancada. O caubói aqui tenta não chorar. Volto para casa com um olho roxo.

— O que aconteceu? — pergunta minha mãe.

— Me bateram.

— Por quê? O que você fez?

Como se fosse minha culpa.

Aos 12 anos, consigo finalmente brigar de verdade em um parque de diversões instalado ao lado da loja de brinquedos onde minha mãe trabalha. Quase sempre nos reunimos lá, perto de um bebedouro de cavalos de tempos imemoriais e de uma estrada vicinal onde o trólebus 657 dá a volta. Esse é, lembre-se, o fim da linha.

O parque, então, era território nosso. Não pertencço a nenhuma gangue específica; somos apenas um grupo de jovens metidos a valentes dedicados a defender nossa área. Especialmente se vierem mais uns camaradas grandalhões do bairro para nos ajudar, se fosse o caso.

Um dia, o parque é invadido por um grupo de moleques. Trocamos alguns xingamentos:

— Ei, seu cagão. Babaca.

— Tá me chamando de babaca?

É como se estivéssemos no musical *Amor, sublime amor*, e fôssemos as gangues dos Jets e dos Sharks, mas com menos jazz estridente. A provocação continua, e em pouco tempo estou rolando, socando e pulando em cima de um moleque. Logo desistimos. Não estamos chegando a lugar nenhum. Empate. Talvez alguém tenha saído com o nariz sangrando.

Ambos sentimos que paramos com honra. Mas então os garotos mais velhos chegam e insistem em realçar nossa vantagem. Eles me pressionam para saber de onde são os invasores. Dave, o Gordão — apelido que pouco falavam na cara dele, especialmente eu —, dispara: “Vamos dar uma lição nele.”

— Para com isso. Já combinamos que deu empate — tento dizer, mas ele ignora meus gritos.

Eu me sinto muito mal porque, à distância, vejo o Gordão pulando para cima e para baixo na bicicleta do meu adversário, parada do outro lado da rua, logo na frente da loja de doces. Bom, pelo menos não vão perturbar em Hounslow por algum tempo.

No subúrbio, as pessoas encontram diversão onde e como podem. O lado ruim é que isso pode significar os bate-bocas mais comuns entre garotos de escolas diferentes, violência causada

pelo tédio. O lado bom é que minha mãe gerencia uma loja de brinquedos, o que significa que eu posso escolher os lançamentos quando eles chegam. Nada de brindes; só algumas facilidades. Eu me interessava muito por montar miniaturas de aviões, então, quando chega um novo kit da Airfix, fico em volta dele feito formiga atrás de mel.

Os arredores do pub local, o Duke of Wellington, de repente viram um ponto de encontro, e eu me torno amigo do filho do proprietário. Charles Salmon é uns dois anos mais novo do que eu, mas acabamos nos tornando muito próximos. Nos anos da adolescência, desenvolvemos maus hábitos em comum, como liberar o consumo de bebidas alcoólicas da loja autorizada do pub — quando era proibido fazê-lo — e, quando a irmã mais velha de Charles, Teddy, está atrás do balcão, surrupiar cigarros aos montes. Nós nos escondemos no barracão de seu jardim e fumamos até enjoar. Charutos, cigarrilhas, cigarros franceses, tudo. Aos 15 anos, já fumo cachimbo, como meu pai.

Também fico bem amigo de camaradas do bairro como Arthur Wild e seu irmão mais novo, Jack. A minha vida e a de Jack mais tarde vão se cruzar: como atores mirins, compartilhamos o palco no West End, ele interpretando Charley Bates, melhor amigo de meu personagem, Artful Dodger, na primeira encenação de *Oliver!*, o musical. No entanto, ele vai me superar, interpretando o Dodger no filme de Carol Reed vencedor do Oscar de 1968.

Então, essa é a minha vida, aqui no fim da linha. Não faço ideia do que acontece um pouquinho para baixo da estrada. Hounslow acaba e então se chega a... Londres? Parece outro mundo. A cidade propriamente dita, onde meu pai trabalha, não existe de modo algum em minha cabeça.

Como com qualquer garotinho, o futebol emerge e cresce na minha vida. No começo dos anos 1960, sou ardente fã do Tottenham Hotspur, e venero Jimmy Greaves, a máquina de fazer gols. Ainda consigo lembrar o nome de cada jogador do time, tamanha a minha fixação na época. Mas o Spurs é um time do norte de Londres, e o norte de Londres pode estar localizado em Marte. Eu nunca arriscaria me aventurar para tão longe da minha zona de conforto.

O Brentford Futebol Clube é o time grande mais próximo de Hounslow, então, eu assisto a suas partidas com regularidade. Até frequento os treinos, ficando conhecido no campo. Às vezes, assisto a algum jogo do Hounslow Futebol Clube, mas eles são muito inexpressivos. Tanto que um dia o outro time simplesmente não compareceu à partida.

Meus horizontes, de algum modo, são ampliados pelo Tâmis. Meu pai pode não ser homem de demonstrar muita paixão, mas qualquer entusiasmo que ele possa ter é focado em assuntos fluviais.

Grev e June Collins adoram um barco, e ajudam a administrar o recém-fundado Converter Cruiser Club. Fazem parte de um círculo social mais amplo de amantes de rios, que inclui Reg e Len Tungay, os “tios” mencionados anteriormente. Os irmãos têm seu próprio barco, o *Sadie*. A embarcação é outra veterana de guerra, membro da flotilha Dunkirk, e é grande o suficiente para dormirmos nela, algo que fiz em várias felizes ocasiões.

Muitos finais de semana e muitas quintas-feiras (a noite fixa de reunião entre os membros do clube) são passados na companhia de outras pessoas com barcos: passeando em um clube temporário, ou atracando em algum lugar, remando por aí só pelo lazer, descansando no rio. Logo compartilho com meu pai o amor pela vida aquática.

Há um evento anual, realizado na ilha Platt's Ait, em Hampton, onde os membros do clube se reúnem por um final de semana com seus amados barcos e fazem corrida a remo, cabo de guerra e competições de nó. Considerando que sou um cara pequeno, isso é grande coisa, despertando uma sensação de importância. No mundo de hoje, pode soar meio entediante, mas não para alguém da minha idade. Ainda sinto uma ponta de honra por ter frequentado a escola Nelson Infants. Uma observação sobre a água e sua influência em nossa família: meu pai nunca aprendeu a nadar. Seu pai lhe insuflou um medo que não permitia que ele ficasse na água para além de sua cintura. Algo acima disso e ele se afogaria. E ele acreditou no pai. E esse é o homem que tentou fugir para se juntar à Marinha Mercante.

De um jeito ou de outro, o Tâmis desempenha um papel muito importante em meus anos iniciais. Em muitos fins de semana, mesmo bem novo, pego um barco a remo e sigo calmamente entre

pontes. Na época, o Converter Cruiser Club ainda não possui sede própria, então, nós usamos o estaleiro de Dick Waite, às margens de St. Margarets, onde meu pai atraca sua pequena lancha *Teuke*. Por fim, Pete Townshend compra o lugar e o transforma em seu estúdio de gravação Meher Baba Oceanic. Em uma fotografia antiga que tenho, minha mãe está comigo em seus braços naquele mesmo lugar, então, fiz uma cópia de presente para ele. Peter, sempre um cavalheiro, me escreveu uma carta muito amável, manchada de lágrimas, agradecendo. A foto ficou pendurada no estúdio por muitos anos.

No final dos anos 1950, o clube aluga um terreno na ilha de Eel Pie por 1 penny ao ano. Gastei boa parte da minha juventude ajudando a construir a sede permanente do clube, depois me juntando às apresentações e pantomimas organizadas pelos membros. Posso me orgulhar de ter tocado nesse famoso espaço no meio do Tâmis — o ponto de onde o blues britânico dos anos 1960 explodiu para o mundo — muito antes dos Rolling Stones, de Rod Stewart e do Who.

Tirando isso, passo meus dias vagabundeando no rio. Mas as apresentações em clubes náuticos, no fim das contas, realmente me deram a oportunidade de tocar bateria em público pela primeira vez. Há filmagens de uma versão minha, aos 10 anos de idade, me apresentando como membro do Derek Altman All-Stars, liderado pelo maestro tocador de sanfona. Carole e Clive também se envolvem nas performances, se apresentando em esquetes de comédia. Até minha mãe tem seu momento, cantando “Who’s Sorry Now?” com alguma emoção.

A verdade é que a família inteira é parte de uma trupe de ribeirinhos. Meu pai regularmente tira da cartola sua música de sempre sobre um fazendeiro, que faz ruídos grosseiros para interpretar os animais. Até hoje divirto meus filhos mais novos com essa música: “*There was an old farmer who had old sow...*” (insira aqui vários barulhos de peidos).

Essas são as raras ocasiões em que meu pai se livra do chapéu, do terno e da gravata e se torna um amigável panaca. Infelizmente, não tenho muitas lembranças detalhadas do meu pai, feliz ou não. As imagens que eu tinha foram incluídas em uma música, “All

of My Life”, do álbum *...But Seriously*, de 1989: meu pai chegando em casa do trabalho, trocando de roupa, se sentando para jantar, depois assistindo TV à noite, com seu cachimbo, e só ele lhe fazendo companhia. Minha mãe não aparece nessa cena; eu estou no andar de cima ouvindo música.

Repassando esse cenário agora, fico tomado de tristeza. Há tantas coisas que eu gostaria de ter perguntado ao meu pai se soubesse que ele morreria quando eu tivesse 21 anos. Simplesmente, não tínhamos muita intimidade, nem mesmo diálogo. Talvez eu tenha enevoado as lembranças. Talvez elas nem existam.

Algo de que me lembro vivamente é o fato de ter molhado a cama, e de acordar com um lençol de borracha colocado embaixo do de algodão. Se eu tivesse “um acidente”, o lençol de borracha simplesmente evitaria que o líquido se espalhasse, o que me fazia dormir dentro de uma pequena piscina de urina represada. O que você faz em uma situação dessas? Você vai dormir com sua mãe e com seu pai e, então, molha a cama *deles*. Isso deve ter verdadeiramente me feito estreitar laços com meu pai. Não tínhamos chuveiro em nossa casa geminada, e tomar banho de banheira de manhã não é muito normal, então eu temo que, por uns bons anos, meu pai tenha ido trabalhar todos os dias com leves notas de xixi sobre o corpo.

Talvez seja inevitável, mas, independentemente do quanto ele ame o rio, meu pai não consegue senão retornar ao seu estado ocasionalmente insensível. Tenho provas cinematográficas. Um filme caseiro gravado por Reg Tungay mostra-nos, eu e meu pai, na margem do rio na ilha de Eel Pie. No vídeo eu devo ter uns 6 anos. Estou na beirada de uma construção a uns 4,5 metros do Tâmsa.

Hoje eu sei, assim como sabia então: o Tâmsa é um rio muito perigoso. Tem correntezas subterrâneas fantasticamente fortes, e muitas baixas e altas de marés. Vira e mexe, cadáveres são trazidos pelas comportas da ponte-eclusa em St. Margarets. Como todos os membros do Converted Cruiser Club sabem bem, não se pode dar mole no Tâmsa.

Na filmagem, vejo meu pai se virando abruptamente e indo embora. Ele claramente não diz nada para mim, não me adverte de qualquer risco. Só me deixa lá, andando hesitantemente na beirada

da construção. Seria uma queda feia naquela água cheia de pedregulhos. Se eu caísse, me machucaria de verdade, isso se não fosse arrastado pela correnteza. Mas meu pai me abandona ali, sem nem olhar para trás.

Não estou dizendo que ele não se importava, mas acho que, às vezes, ele não pensava. Talvez, quando me abandonou, periclitante, nas margens do Tâmis, sua mente, suas emoções, estivessem em outro lugar. Ele se esforçava todos os dias.

Quando me tornei adulto, também passei a fazer isso. De certa forma, de modo positivo e criativo: sou compositor, um músico, e o esforço é a alma desse negócio. Mas também, admito, agi de modo negativo. Ao fazer constantes turnês mundiais por quatro décadas, no Genesis e como artista solo, eu me ancorava, quase sempre, em uma ficção: a de que eu conseguiria manter minha própria existência em uma família sólida enquanto mantinha uma carreira musical.

Nós, mães e pais, não sabemos tudo. Longe disso.